



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia da inauguração do Complexo Tecnológico de Medicamentos de Farmanguinhos (Fiocruz)**

**Rio de Janeiro-RJ, 22 de julho de 2005**

Meu querido companheiro Saraiva Felipe, ministro da Saúde,  
Meu querido companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,  
Meu querido companheiro e ex-ministro, Humberto Costa,  
Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para Mulheres,  
Deputada Jandira Feghali e deputado Jorge Bittar, aqui presentes,  
Meu querido companheiro Antonio Alves, secretário-executivo do Ministério da Saúde,  
Meu caro Gilson Cantarino, secretário estadual de Saúde,  
Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fiocruz,  
Minha querida Núbia Boechat, diretora de Farmanguinhos,  
Deputados estaduais,  
Pesquisadores,  
Cientistas,  
Funcionários,  
Jornalistas,  
Meus amigos e minhas amigas,

A Fiocruz vem prestando grandes serviços ao povo brasileiro há 105 anos, e é motivo de muito orgulho para o povo brasileiro.

Sua longa e exitosa história é marcada pela atuação de verdadeiros heróis da saúde pública nacional, como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Sem



falar nas inúmeras vidas que foram salvas pelas vacinas e medicamentos pesquisados ou produzidos por esta instituição.

Apesar dessa trajetória brilhante, é preciso dizer que, ao longo de mais de um século de existência, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz muitas vezes sofreu pela pouca atenção do governo federal e pela carência dos recursos necessários para desenvolver suas atividades adequadamente.

Com persistência e profissionalismo, no entanto, esses obstáculos foram sendo superados, e a excelência do trabalho de pesquisa e produção da Fiocruz se impôs. Hoje, Farmanguinhos é reconhecido como um dos centros farmacêuticos mais bem equipados de toda a América Latina.

Além de ter de competir com laboratórios de porte mundial para atingir esse patamar, a Fiocruz também teve que resistir, no passado recente, à pressão das políticas que pregavam o desmonte do Estado brasileiro.

Para nós, o sucesso da Fiocruz é prova incontestável de que o estímulo do Estado para a produção de medicamentos e vacinas é uma das mais eficientes políticas de saúde.

Alocar recursos em áreas como saneamento básico ou vacinas não é gasto, é investimento, como tenho dito, e a Fiocruz nos mostra que o Brasil é plenamente capaz de desenvolver tecnologias e produzir medicamentos de interesse da população, gastando bem menos.

O reconhecimento que nosso governo tem dado à Fiocruz se reflete no aumento de investimentos para melhorar e ampliar sua capacidade de produção.

É o caso do Centro de Produção de Antígenos Bacterianos, que inaugurei aqui em agosto do ano passado. Além de produzir vacinas contra vários tipos de meningite, esse centro permite uma economia anual de 10 milhões de reais porque deixamos de comprar vacinas importadas para o bacilo que causa *influenza*.

Toda a nossa demanda interna será suprida com essa produção, que



poderá até ser exportada para o Mercosul e, quem sabe, até doada para alguns países africanos que não podem pagar.

Na mesma oportunidade, inaugurei a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Essa escola é a cabeça da rede de ensino técnico em saúde em nosso país, e suas atividades foram consideradas exemplares pela Organização Mundial da Saúde.

Ao mesmo tempo, garantimos recursos do Ministério da Saúde de cerca de 42 milhões de reais para completar, até 2006, o Centro de Produção de Antígenos Virais, que já está sendo construído. Esse Centro irá produzir, a cada ano, 60 milhões de doses de vacinas para sarampo, caxumba e rubéola, e outros 20 milhões de doses de outras vacinas. Além disso, o Centro desenvolverá e testará vacinas ainda não existentes, como no caso da dengue.

Também tive a grande honra de aprovar, em 2003, o Estatuto da Fiocruz, uma reivindicação de mais de 15 anos do corpo de funcionários e diretores da instituição.

Tudo isso traduz o nosso reconhecimento a uma das mais importantes organizações de saúde do Brasil. A Fiocruz fornece mais de 200 milhões de doses de vacinas ao ano, o que representa cerca de 60% de toda a demanda brasileira.

Além disso, é o maior produtor mundial da vacina contra a febre amarela, suprimindo a demanda das Nações Unidas, do Unicef e da Organização Mundial da Saúde.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos aqui hoje dando mais um passo significativo nesse processo de fortalecimento da Fiocruz. O Estado brasileiro adquiriu, em condições adequadas, uma fábrica de medicamentos da iniciativa privada para evitar que ela fosse desativada.

Esse novo Complexo Tecnológico de Medicamentos do Instituto de Tecnologia em Fármacos tem 40 mil metros quadrados de área construída, e é



cerca de sete vezes maior que a fábrica antiga de Farmanguinhos.

Com o novo Parque Industrial em Jacarepaguá, a Fiocruz poderá quintuplicar a produção, atingindo, em 2007, a marca dos 10 bilhões de medicamentos, montante cinco vezes superior ao fabricado em 2004.

Serão fabricados, por exemplo, antibióticos e medicamentos contra hipertensão e diabetes, que fazem parte de programas do Ministério da Saúde, incluindo a Farmácia Popular do Brasil.

Além disso, esses medicamentos são adquiridos pelo governo a preços muito menores do que os praticados no mercado. No ano passado, por exemplo, a Fiocruz propiciou uma economia de R\$ 200 milhões de reais, otimizando a aplicação dos recursos do Ministério da Saúde.

A Fiocruz também é reconhecida no Brasil e no exterior pela sua produção de anti-retrovirais genéricos, o que viabiliza, através do Programa Nacional de Aids, a distribuição gratuita dos medicamentos anti-HIV para mais de 150 mil brasileiros.

O governo brasileiro distribui esses medicamentos também para países na América Latina e África, em consonância com uma política externa voltada para os países mais pobres. Nós sabemos que os gastos com saúde ocupam o 4º lugar no orçamento da família brasileira, depois de habitação, alimentação e transporte. Para as pessoas mais pobres, a compra de remédios chega a representar 90% dos gastos com saúde. Isso, quando as pessoas não morrem com a receita embaixo do travesseiro porque não podem ter acesso ao remédio.

É principalmente para essas pessoas que investimos pesadamente na Fiocruz, e é também para elas que criamos a Farmácia Popular do Brasil, para fazer o remédio chegar à mão de quem precisa, na hora certa.

Nós estamos determinados a fortalecer a nossa indústria farmacêutica, aumentando a produção de remédios no país. Por isso, a nossa política industrial elegeu o setor farmacêutico como um dos quatro segmentos



estratégicos de prioridade.

Estamos, portanto, não só incentivando a produção brasileira de medicamentos como vamos explorar ao máximo o potencial de crescimento desse setor em nosso país.

Aumentamos em mais de 40% os recursos para compra de remédios e o orçamento do SUS para este ano chega a 3 bilhões e 500 milhões de reais. Também ampliamos em 40% os recursos destinados à distribuição gratuita de medicamentos, através do programa Saúde da Família.

Vamos, portanto, garantir e ampliar a distribuição gratuita de remédios que já é feita pelo SUS. A população mais pobre tem direito de receber esses medicamentos de graça, e vai continuar recebendo cada vez mais.

Isso significa que a nossa política de saúde está fortalecendo cada vez mais o sistema público, que atende hoje a mais de 70% de toda população brasileira.

Um outro bom exemplo é a nossa política de Saúde Bucal. O Ministério da Saúde investirá, até 2006, 1 bilhão e 300 milhões de reais no *Brasil Sorridente*, que iniciamos em março de 2004. E não é só atendimento básico: com esse programa a população passa a ter acesso também a tratamentos especializados, como canal, cirurgias odontológicas, câncer bucal, e ortodontia.

Minhas amigas e meus amigos,

Precisam me convidar mais vezes aqui, porque toda vez que vier, a gente fica com a obrigação de trazer uma boa notícia, então, se eu demorar muito para vir aqui, as notícias serão poucas.

Tenho algumas boas notícias para o setor da saúde no Rio de Janeiro. Está publicada no Diário Oficial de hoje, Medida Provisória que prorroga por 2 anos os contratos dos 5 mil funcionários conhecidos como “mata mosquitos”. A mesma Medida prorroga a contratação do pessoal temporário empregado nas ações do Sistema Único de Saúde para superar a situação de crise do atendimento da saúde na cidade do Rio de Janeiro.



A prorrogação é por até 2 anos, de forma a permitir que, neste período, os serviços de atendimento de saúde do Rio de Janeiro estejam regularizados. E quero concluir dando uma notícia sobre um tema que é muito caro a todos vocês aqui da Fiocruz. Ainda este ano, estaremos enviando ao Congresso Nacional Projeto de Lei reestruturando o quadro de pessoal e o Plano de Carreiras da Fiocruz com o objetivo de promover, a partir de 2006, a equalização interna das remunerações dos servidores. Isso significa que os servidores titulares de cargos de mesma natureza e nível de responsabilidade terão remunerações iguais, independentemente da situação individual.

Vamos também propor a criação, no quadro da Fiocruz, de 3 mil novos cargos efetivos, a serem preenchidos gradualmente por concurso público, para recomposição do quadro de pessoal da Instituição.

Aprovado o Projeto de Lei, e aí outra vez o Jorge Bittar e a Jandira vão ter que trabalhar e outros deputados, aprovado o Projeto de Lei, será imediatamente autorizada a realização de concurso para o preenchimento de 1 mil cargos.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Ao chegar aqui, em Farmanguinhos, e ver aquela máquina produzindo remédios, eu tive a sensação de estar numa sala de parto vendo a minha mulher ter um filho. A coisa importante de ser executivo é exatamente essa, é você ver o resultado da coisa que você faz, nascer. E eu me lembro quando assumi a Presidência da República e fiquei sabendo que o Exército, que a Aeronáutica e a Marinha tinham pequenos laboratórios de produção de remédios aqui, no Rio de Janeiro, eu dizia ao Humberto Costa: nós precisamos produzir remédio para dar de graça para o povo. Não é possível que o povo tenha que comprar remédio.

O Humberto Costa veio visitar os laboratórios e depois me explicou a situação de cada laboratório, fez convênios com alguns deles e falou para mim: “Presidente, eu acho que nós vamos comprar uma fábrica para que a Fiocruz



possa produzir muito mais remédios.” Foi quando, na minha primeira visita à Fiocruz, nós anunciamos a compra dessa fábrica. Então, chegar hoje, aqui, um ano depois, e ver essa fábrica produzindo... E quando eu entrei, perguntei para o companheiro que estava lá na frente da máquina, e ele me disse que ela estava produzindo 250 mil comprimidos por hora, e que vai produzir 1 milhão e não sei quantos a cada quatro horas, e que vai produzir 10 milhões, e que vai produzir 1 bilhão e não sei quantos, eu falei: é uma sensação mais do que gostosa. Porque eu acho que um país não pode tratar a saúde do seu povo com base no mercantilismo a que muitos laboratórios querem que seja subordinada a saúde pública neste país.

Definitivamente, é obrigação moral e ética de qualquer governo do mundo colocar a saúde do seu povo como prioridade zero, porque se a pessoa não tem saúde, a pessoa não tem mais disposição para nada. É por isso que qualquer pessoa, seja ela pobre ou rica, preta ou branca, homem ou mulher, crente em Deus ou não, que aprenda a falar desde cedo, tendo saúde, o resto se resolve. Em qualquer lugar que a gente vai, essa frase já nasce como aprender a falar pai ou mãe. As pessoas sabem que tendo saúde, o resto se resolve, ou pelo menos tem perspectiva de resolver.

Então, eu venho aqui hoje com orgulho, Paulo, um orgulho... muito mais que ser doutor, aqui, eu venho com o orgulho de companheiro. De companheiro, que visitei isso aqui em 89, visitei em 94, visitei em 98, visitei em 2002, visitei em 2004, estou visitando em 2005 e, se tiverem mais boas notícias, me convidem para vir aqui em 2006, depois. Vão me convidando, porque cada vez que nós viermos aqui, nós vamos fazer alguma coisa para que a gente vá aprimorando para que o Brasil seja, definitivamente, detentor de todos os conhecimentos, para um dia produzir todos os remédios que nós precisamos.

Quero terminar agradecendo ao companheiro Humberto Costa. E não poderia deixar de ser aqui o agradecimento que eu não fiz no dia da



transmissão de posse. O companheiro Humberto Costa foi um companheiro que nesses três anos, sem pirotecnia, mas com muita dedicação com a sua equipe, fez o possível e o impossível para que a gente pudesse melhorar a questão da saúde no Brasil. Não é uma tarefa fácil, é uma tarefa complicada, porque os problemas se acumularam ao longo de muitos e muitos anos. E o companheiro Humberto Costa montou uma extraordinária equipe, trabalharam incansavelmente, e eu tenho certeza que ele entrega ao dr. Saraiva, o nosso ministro da Saúde, o Ministério infinitamente mais arrumado e uma política de saúde infinitamente mais verdadeira do que a que ele herdou quando nós tomamos posse.

O Humberto está numa outra trajetória. Eu só posso desejar ao Humberto que tenha sorte na nova caminhada dele e desejar ao meu querido Saraiva Felipe, que possa fazer da saúde aquilo que foi o sonho desse partido sanitarista ao longo de tantos e tantos anos. Eu me lembro na Constituinte. Na Constituinte não tinha diferença entre extrema direita e extrema esquerda. Quando se tratava de saúde pública, era todo mundo de mãos dadas, ou seja, eu acho que a maioria das coisas de saúde foram aprovadas quase por unanimidade na Constituinte, tal era o poder de pressão da sociedade e tal era a paixão.

Eu me lembro que o deputado Carlos Santana, da Bahia, era o líder do presidente Sarney no Congresso Nacional, e era tido como um homem conservador, casado com uma mulher tida como progressista. E eu me lembro que na votação do SUS, ele votou igual votou qualquer deputado de esquerda e ainda fez discurso mais esquerdista do que muita gente de esquerda, numa demonstração de que é possível, um dia, criar um partido que não tenha, nas divergências ideológicas, as razões do seu conflito, porque basta colocar um avental, um sapato branco, dizer que é sanitarista e a gente pode unificar muita coisa neste nosso querido país.

Quero terminar dizendo a vocês, aqui da Fiocruz, que o Brasil vive no





momento, um paradoxo. Esta semana, na despedida do ministro Olívio Dutra, ele me dizia: “Presidente, saio com a consciência tranqüila de quem investiu em saneamento básico nos 30 meses do seu governo, 14 vezes mais do que foi investido de 1999 a 2002”. E vocês sanitaristas sabem que o investimento em saneamento básico é condição *sine qua non* para que a gente possa ter uma boa política de saúde pública no país”.

Mas a melhor notícia, na verdade, é que nós chegaremos este ano, Saraiva, a 8 milhões e 700 mil famílias pobres do Brasil recebendo o Bolsa Família, garantindo que essas pessoas possam ingerir a quantidade de calorias e proteínas necessárias à boa sobrevivência humana. E mais importante ainda é a notícia que recebo na despedida do ministro Ricardo Berzoini, do Trabalho, que no Brasil, em 30 meses, nós conseguimos gerar 3 milhões, 135 mil novos empregos de carteira profissional assinada, uma média mensal de 104 mil empregos, contra 8 mil empregos de média mensal nos 8 anos que antecederam o nosso governo.

Se o Brasil está andando assim, é justo que haja um pouco de pressão política. Por exemplo, quando eu chego aqui na Fiocruz, o Sindicato vem me entregar uma carta agradecendo as conquistas e outra cobrando novas conquistas. É assim mesmo, na vida, quanto mais a gente vai conquistando mais a gente vai querendo, este é o papel do dirigente sindical.

Na política é a mesma coisa, só que na política nós precisamos ter consciência de que em primeiro lugar, eu tenho dito repetidas vezes, sempre fui defensor, gritei tantas vezes favoravelmente à criação de CPI neste país, que eu não posso ser contra nenhuma CPI. As CPIs têm que funcionar, têm que apurar e têm que fazer o que tem que ser feito neste país. As pessoas que cometerem erros terão que ser punidas, este país tem lei, tem instituição. O que nós não podemos perder de vista é que nenhum embate político, por mais necessário que ele seja, e por mais significativo que ele seja, não pode permitir que o povo brasileiro seja vítima, muitas vezes, da pequenez política, da



pequenez dos debates, que nem sempre conduzem este povo a um futuro melhor.

O Brasil está vivendo um momento, na minha opinião, eu não diria excepcional, mas de boa possibilidade de, pela primeira vez, a gente construir um ciclo de desenvolvimento sustentado, com crescimento duradouro, para que a gente possa recuperar os prejuízos que este povo teve durante tantos e tantos anos.

Não pensem que é fácil, não pense, Paulo, que é fácil fazer as coisas com muita seriedade neste país, porque quando falamos em crescimento sustentado, quando falamos que é preciso ter um crescimento, mesmo que menor, mas duradouro, é porque nós já vivemos no Brasil exemplos extraordinários de dias em que o povo acordava com a promessa mirabolante de um governo e, três meses depois, o povo ficava com a dívida e o governo criava um outro programa, um outro plano.

Nós tivemos planos no Brasil em que os trabalhadores e os empresários foram dormir devendo 1 e acordaram devendo 4. E ninguém se responsabiliza. Nós tivemos planos no Brasil – e não vou citar nenhum deles porque o Paulo citou um aqui que vocês conquistaram no nosso governo a recuperação – de ministros e presidentes que criavam planos e não se perguntavam qual o prejuízo que causavam aos trabalhadores. E depois de 10, 15 ou 20 anos os trabalhadores ganhavam na Justiça o direito de receber aquilo que não deveriam ter perdido.

Nós estamos pagando, no ano passado e este ano, dinheiro aos aposentados brasileiros por conta da URV, porque se esqueceram que os trabalhadores tinham alguns direitos.

Fazer uma política sem pegar as pessoas de sobressalto, mas fazendo as coisas com consistência para que a gente possa usufruir do bom resultado, é uma coisa que eu não abro mão. Portanto, eu penso que é preciso a gente fazer uma espécie de divisor.



O debate no Congresso Nacional é a coisa mais legítima do fortalecimento da democracia brasileira, mas eu tenho dito que o nosso lema é deixar os debates acontecerem, e o papel do governo, meus caros ministros, é trabalhar, trabalhar e trabalhar, porque o que o povo quer mesmo é resultado, o que ele quer mesmo é saber se, no “frigir dos ovos” a sua vida vai estar melhor do que quando nós entramos no governo.

Por isso, eu queria dizer a todos vocês da Fiocruz, terminar isso com uma frase que estava no discurso do Miguel Arraes quando ele tomou posse pela, primeira vez, na cidade de Recife, que me parece que é do Carlos Drummond de Andrade, quando ele dizia: “Eu tenho duas mãos e o sentimento do mundo.” E eu quero só dizer para vocês: dirijam esta Instituição com as duas mãos e com o sentimento do mundo, porque o povo precisa de uma instituição como a Fiocruz.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.